

O TERROR DA ESCRITA: UMA LEITURA DO TRAUMÁTICO E DA CISÃO DO EU EM ANNIE ERNAUX

THE TERROR OF WRITING: A READING OF TRAUMA AND THE SPLIT SELF IN ANNIE ERNAUX

EL TERROR DE LA ESCRITURA: UNA LECTURA DE LO TRAUMÁTICO Y DE LA ESCISIÓN DEL YO EN ANNIE ERNAUX

Maria Eduarda Freitas Moraes¹

Resumo: Considerando a autossociobiografia como gênero discursivo singular, que emerge e adquire popularidade na contemporaneidade ao apresentar trajetórias de *trânsfugas de classe*, o presente artigo visa discutir a cisão do eu como constituinte da escrita dessas narrativas. Especificamente, será analisado um trecho que evoca elementos da cisão a partir da obra *O lugar* (1983), primeira narrativa em que Annie Ernaux concretiza seu projeto de escrita autossociobiográfica ao relatar a vida e a morte de seu pai. O trecho será correlacionado às noções de luto, trauma e cisão do eu. A cisão evocada por Ernaux retém parte do que não tem sentido e produz um efeito real. Concluimos indicando que a autossociobiografia presentifica o objeto perdido, situa uma parte da angústia e cria uma ligação narrativa que inscreve e situa um lugar para a morte.

Palavras-chave: Psicanálise. Trauma. Luto. Autossociobiografia. Annie Ernaux.

Abstract: Considering auto-sociobiography as a unique discursive genre that has emerged and gained popularity in contemporary times by presenting the trajectories of class defectors, this article aims to discuss the split self as a constitutive element in the writing of such narratives. Specifically, a passage from A Man's Place (1983), a work regarded as the first in which Annie Ernaux fully realizes her auto-sociobiographical writing project by recounting the life and death of her father, will be analyzed. The excerpt will be correlated with notions of mourning, trauma, and the split self. The split evoked by Ernaux retains aspects of what lacks meaning and produces a real effect. We conclude by suggesting that the auto-sociobiography makes the lost object present, situates a part of the anguish, and creates a narrative link that inscribes and situates a place for death.

Keywords: Psychoanalysis. Trauma. Mourning. Auto-sociobiography. Annie Ernaux.

Resumen: Considerando la auto-sociobiografía como un género discursivo singular, que emerge y adquiere popularidad en la contemporaneidad al presentar trayectorias de trânsfugas de clase, el presente artículo tiene como objetivo discutir la escisión del Yo como constitutiva de la escritura de estas narrativas. Específicamente, se analizará un fragmento que evoca elementos de la escisión a partir de la obra El lugar (1983), primera narrativa en la que Annie Ernaux concreta su proyecto de escritura auto-sociobiográfica al relatar la vida y muerte de su padre. El fragmento será correlacionado con las nociones de duelo, trauma y escisión del Yo. La escisión evocada por Ernaux retiene parte de lo que carece de sentido, produciendo un efecto real. Concluimos señalando que la auto-sociobiografía hace vuelve presente el objeto perdido, sitúa una parte de la angustia y crea un vínculo narrativo que inscribe y sitúa un lugar para la muerte.

Palabras-clave: Psicoanálisis. Trauma. Duelo. Auto-sociobiografía. Annie Ernaux.

¹ Psicóloga e psicanalista. Doutoranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com bolsa CNPq. Integra o Grupo Discursos em Diálogo (PUCRS/CNPq). ORCID: 0000-0002-2625-7934. E-mail: mariaefmoraes@gmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A autossociobiografia, gênero discursivo presente na contemporaneidade em trabalhos como os de Annie Ernaux, Édouard Louis e Didier Eribon, visa recusar a ficção. Em Ernaux, vemos que sua inspiração é marcada pela sociologia de Pierre Bourdieu, uma vez que ela enuncia que ter lido Bourdieu mudou sua vida e sua perspectiva sobre sua história, ao poder reconhecer e nomear sua origem em uma classe dominada e sua mudança para uma classe dominante, caracterizando-se como *trânsfuga de classe* (Charpentier, 2005; Ernaux, 2023; Meizoz, 1996; Pontes, 2018). Em “A ilusão biográfica”, Bourdieu (2011) critica a concepção de autobiografia como construção temporal linear, na qual o indivíduo, fragmentado de sua história social e de seu contexto, seria o único agente responsável por conduzir a narrativa. O autor, então, salienta que as condições reais e concretas de uma vida sempre implicam descontinuidades e relações que ocorrem no espaço social. A sociologia de Bourdieu integra-se à poética da autora, que questiona a existência de uma literatura pura, uma vez que não pode conceber sua escrita deslocada dos contextos sociais (Ernaux; Bras, 2017).

Compreendendo a emergência da popularidade da autossociobiografia atualmente, o presente artigo visa discutir a cisão da autora-criadora como constituinte da escrita das narrativas de *trânsfugas de classe*. Especificamente, será analisado um trecho que evoca elementos da cisão a partir da obra *O lugar*² (2024), primeira narrativa que Ernaux considera como concretização de seu projeto de escrita autossociobiográfica ao relatar a vida e a morte de seu pai, correlacionando-o às noções de luto, trauma e cisão do eu.

O projeto literário de Ernaux começa em *Les armoires vides* (1974), romance considerado ficcional no qual a protagonista realiza um aborto clandestino. Posteriormente, essa história será recontada, porém assumindo o tom autossociobiográfico em *O acontecimento* (2022). A terceira obra, *La femme gelée* (1981), já apresenta um tom autobiográfico, uma vez que a protagonista não possui nome, e a obra é redigida em primeira pessoa do singular; o eu, então, é anônimo, e a obra deixa o leitor em dúvida quanto à relação biográfica entre autora-pessoa e narradora (Ernaux, 2014).

Ernaux (2014) pode enfim concretizar o projeto autossociobiográfico após a morte do seu pai, quando ela relata a biografia dele em uma perspectiva sociológica, enunciando as condições concretas de sua vida. Em *Os anos* (2021), no entanto, a autora realiza um projeto discursivo ainda mais estilizado, quando visa escrever uma autossociobiografia sem o uso do pronome eu; a autora opta sempre por *elle* — falando de si em terceira pessoa — ou *nous* ou *on*, pronomes que, na língua francesa, indicam um sujeito plural (nós ou a gente).

Acerca da escrita de Ernaux, Montémont (2015) destaca que há uma pluralidade enunciativa, visto que a autora integra diferentes léxicos, palavras advindas de diferentes esferas de trabalho. Montémont (2015) ainda enfatiza que a voz narrativa de Ernaux, como sujeito plural, refrata diferentes ecos de uma vida. Considerando a materialização de uma resposta às críticas de Bourdieu à autobiografia que Ernaux consegue efetivar, Ernaux (2019) indica que ela transcende o lugar do eu como individual, pode narrar o mundo da vida e diferenciar-se da autoficção: “Que esse Eu seja, em suma, transpessoal, que o singular atinja o universal” (Ernaux, 2023, p. 18).

Todavia, há a marca de um acontecimento singular e único a ela: a morte do pai. Acontecimento que marca a emergência de seu projeto enunciativo de autossociobiografia e o reconhecimento da cisão entre uma vida próxima e outra distante do pai. Passaremos, neste momento, a analisar um trecho da obra, articulando-o a compreensões freudianas acerca do luto, do trauma e da cisão do eu, bem como a escritos de Ernaux sobre seu próprio processo criativo.

² No original, *La place*.

“UM DIA TEREI QUE EXPLICAR TODAS ESSAS COISAS”: ENUNCIAR A CISÃO, DEMARCAR A FALTA

O lugar (2024) leva 15 anos para ser escrito, em um processo no qual a autora se depara com o desejo de *não trair* a realidade concreta da história de vida do pai. A narrativa adota o procedimento narrativo-temporal de iniciar pelo relato da morte; passa a narrar a vida daquele que se foi; e retorna, no final, à narrativa do luto, tematizando a perda concreta. A narrativa é iniciada pela aprovação de Ernaux no exame para se tornar professora de Letras. Tal posição marcará sua mudança de classe social por meio dos estudos e, ao longo da obra, podemos observar de que modo isso implica retomar a gradual separação de seu pai e do mundo habitado por ele; separação que adquire a consistência de concretude com a sua morte.

No trem de volta, no domingo, tentei distrair meu filho para ele ficar quieto, os viajantes de primeira classe não gostam de barulho, nem de criança agitada. De repente, pensei estupefata: ‘agora sou mesmo uma burguesa’ e ‘tarde demais’.

Depois, ao longo do verão, enquanto esperava meu primeiro cargo de professora: “um dia terei que explicar todas essas coisas”. Ou seja, terei que escrever sobre meu pai, sobre a vida dele e sobre essa distância entre nós dois, que teve início em minha adolescência. Uma distância de classe, mas bastante singular, que não pode ser nomeada. Como um amor que se quebrou.

Em seguida, comecei a escrever um romance cujo personagem principal era ele. No meio da narrativa, tive uma sensação de mal-estar.

Só há pouco percebi que escrever o romance é impossível. Para contar a história de uma vida regida pela necessidade, não posso assumir, de saída, um ponto de vista artístico, nem tentar fazer alguma coisa “cativante” ou “comovente”. Vou recolher as falas, os gestos, os gostos do meu pai, os fatos mais marcantes de sua vida, todos os indícios objetivos de uma existência que também compartilhei.

Nada de memória poética, nem de ironia grandiloquente. Percebo que começa a vir com naturalidade uma escrita neutra, a mesma escrita que eu usava em outros tempos nas cartas que enviava aos meus pais contando as novidades (Ernaux, 2024, p. 14-15).

No trecho, observamos a marca da cisão de Ernaux ao enunciar *tarde demais* para perceber a mudança radical de classe, que implica também mudanças no modo de portar-se no trem. Além das mudanças comportamentais presentes no cotidiano, o *habitus* nomeado por Bourdieu (2011), os pensamentos indicam a percepção de uma ruptura definitiva com a posição social ocupada anteriormente pelo pai. A narrativa passa a ser uma busca por *explicar todas essas coisas*, por produzir algum contorno de sentido para *um amor que se quebrou*, ao fim da idealização do mundo paterno e, por isso, a busca por *uma escrita neutra*, capaz de enunciar a concretude das experiências, de modo a trazer o leitor para as cenas vividas. Nisso, Ernaux reconhece a impossibilidade de ficcionalizar, o desejo de se manter fiel à transmissão da vida do pai e, de certo modo, conservar essa vida é produzir contorno ao luto e ao seu potencial traumático.

O luto pode ser compreendido como um processo natural vivenciado universalmente, embora em cada época e cultura assuma diferentes sentidos e rituais de acordo com esses contextos. Em *Luto e melancolia* (2010c), Freud diferencia o luto como afeto normal em função de uma reação à perda de um objeto de amor no qual se havia investido libido (energia psíquica), enquanto a melancolia já envolveria uma psicopatologia que apresenta suas particularidades: “[...] via de regra, o luto é a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa o seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal, etc.” (Freud, 2010c, p. 172). Tal colocação de Freud, ao nomear *pátria, liberdade, um ideal*, é de muita relevância para nossa pesquisa, pois nos interessará pensar como o processo de mudança de classe

social aparece nas obras de Ernaux e de que modo ele participa de certo afastamento e luto de uma relação mais próxima, de compartilhamento da mesma classe social, com os pais.

Ainda que o luto seja concebido como reação à perda, em *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*, Freud (2010b) indica que a própria morte é irrepresentável psiquicamente para o sujeito: “a própria morte é também inconcebível e, por mais que tentemos imaginá-la, notaremos que continuamos a existir como observadores” (p. 230), de modo que, no funcionamento do aparelho psíquico, ninguém acreditaria na experiência da própria morte: “no inconsciente cada um de nós está convencido de sua imortalidade” (Freud, 2010b, p. 230). O autor salienta a literatura como um dos modos de nos depararmos com a questão da morte, já que, no universo ficcional, é possível vivenciar a morte com certo distanciamento entre leitor e personagem.

Freud (2010b) destaca que a morte implica o reconhecimento da perda de outros sujeitos significativos para a existência do eu, partes importantes e necessárias à própria constituição de sujeito. Uma temática tão sensível e que impacta de modo tão direto a existência subjetiva implica que a própria significação da morte é situada socio-historicamente, de modo que ela foi modificada ao longo do tempo. Nessa via, Freud (2010b) destaca um primeiro momento, no qual a morte era uma abolição completa da vida, o *nada* completo, e sua passagem à *negação* da morte na crença religiosa da vida após a morte na “cultura-convencional”, que se pretende dominante (p. 239).

O luto, como reação natural à perda de um objeto de amor, demanda um trabalho psíquico que não deve ser apressado. Em *Luto e melancolia*, Freud (2010c) salienta que o luto implica o desligamento gradual do objeto de amor perdido e culmina na possibilidade de o sujeito reinvestir sua libido em novos objetos de amor ou de retorno temporário da libido ao próprio eu. No processo de luto, haverá um desinteresse pelo mundo exterior; a libido fica voltada ao eu até que seja possível interessar-se por novos objetos. O processo de desvinculação do objeto perdido envolve o *exame de realidade*: o reconhecimento de que o objeto foi definitivamente perdido. Com isso, o sujeito deve retirar sua libido do objeto perdido. Todavia, o sujeito resiste em certa medida a abandonar seus objetos e, “mesmo quando dispõe de substitutos, não renuncia àqueles perdidos” (Freud, 2010c, p. 250), demonstrando apego aos caminhos da sua posição libidinal; por isso, a solicitação do exame de realidade não é atendida imediatamente e requer trabalho psíquico.

O trauma, por sua vez, refere-se ao excesso de excitação no aparelho psíquico que provoca desprazer. Para Freud (2010a), o curso dos processos psíquicos “é sempre incitado por uma tensão desprazerosa e toma uma direção tal que o seu resultado final coincide com um abaixamento dessa tensão, ou seja, com uma evitação do desprazer ou geração do prazer” (p. 162). Todavia, “a rigor, não é correto dizer que o princípio do prazer domina o curso dos processos psíquicos” (Freud, 2010a, p. 164-165). A tendência do princípio do prazer pode se opor a determinadas forças inconscientes, de modo que o produto dessa relação de forças nem sempre coincida com o prazer.

Muito antes da escrita de *Além do princípio do prazer* (2010a), Freud (2016) já indicava, na escrita em conjunto com Breuer dos estudos sobre a histeria, que

Toda vivência que suscita os penosos afetos de pavor, angústia, vergonha, dor psíquica, pode atuar como trauma psíquico; se isso de fato acontece depende, compreensivelmente, da sensibilidade da pessoa afetada. Não raro se encontram na histeria comum, em vez de um único grande trauma, vários traumas parciais, causas agrupadas, que apenas se somando puderam manifestar efeito traumático, e que formam um conjunto por serem, em parte, componentes de uma única história de sofrimento (Freud, 2016, p. 22-23).

Desse modo, apesar de o traumatismo ter se popularizado no discurso corrente à medida que há um debate emergente acerca das psicopatologias que indicam compulsões e a

presença em excesso da pulsão de morte na contemporaneidade (Han, 2017a; 2017b; 2021; Ritter; Ferraz, 2022), a noção de trauma remonta a processos constituintes e necessários à subjetividade (Soler, 2021). Na história do morrer, entre a espetacularização da morte e a morte privada, “o trauma tem essa dimensão aporística, já que é impossível lembrar e é igualmente impossível esquecer” (Figueiredo, 2021, p. 2), trazendo à tona a dimensão do registro do *impossível*, um impossível que se concretiza e demanda contornos discursivos para se tornar vivível e transmissível à alteridade. Freud (2010b) ainda coloca em questão a atitude humana frente à morte: mesmo quando ela se torna banalizada, como nas guerras ou epidemias, o ser humano apresenta uma dificuldade fundamental de reconhecer sua própria finitude e as ambivalências nas relações com outros significativos, atitude também considerada “uma revolta psíquica contra o luto” (Freud, 2010b, p. 250).

A possibilidade de escrever e, além disso, publicar a escrita da perda destaca, então, elementos catárticos de uma escrita que não é ingênua; não por acaso Ernaux escreve diversos manuscritos e os rasga, levando 15 anos para a publicação de *O lugar* (2024). O título remete não apenas a um lugar físico, mas ao lugar social ocupado pelo pai. É também o lugar de origem de Ernaux, o lugar que ela herda do pai e que depois é modificado por ser *trânsfuga de classe*: deparar-se com o lugar de burguesa é o incômodo por se distanciar concretamente do lugar do pai. A narrativa passa a ser uma busca constante para não se distanciar mais do lugar do pai ao buscar as palavras mais adequadas à realidade de *uma vida regida pela necessidade* e também reconhecer a importância do pai ao *saber ocupar* seu lugar; ele ainda enuncia a ela que nunca a fez passar *vergonha* depois. D. a autora, conduz a escrita de *A vergonha*, que inicia pela cena em que o pai tenta matar sua mãe, e a vergonha, como intenso afeto daí decorrente, a ser compartilhado com os outros, seus namorados.

Quanto a seu próprio lugar, Ernaux enuncia que a escrita é seu verdadeiro lugar (Ernaux, 2014), e veremos como isso indica um lugar de margem, de representação de uma cisão entre dois mundos — o mundo da gramática, da professora de Letras, e o mundo da infância, de Yvetot, da língua falada junto aos dialetos, das expressões de uso cotidiano, da palavra entoada aos gritos, das valorizações que se atribuem aos outros na cidade. Sobre o processo de escrita, a autora diz:

Se eu tivesse uma definição para a escrita, seria esta: descobrir, ao escrever, que é impossível de descobrir por qualquer outro meio, fala, viagem, espetáculo etc. Nem pela reflexão por si só. Descobrir alguma coisa que não existe antes da escrita. Aí está a fruição — o terror — da escrita, não saber o que faz aparecer, acontecer (Ernaux, 2023, p. 132).

O *terror da escrita* envolve retomar e enunciar as situações traumáticas e ainda não saber quais afetos serão despertados por tal recordação, processo que podemos, em certa medida, comparar com a análise:

A escrita nunca pode ser encarada pelo ângulo da liquidação progressiva de problemas, como numa lista em que riscamos sucessivamente as tarefas ou compras a fazer. Nem mesmo sucessivamente as tarefas ou compras a fazer. Nem mesmo como uma superação. Ao contrário, acredito que ela é, de certa forma, o lugar do insuperável, social, familiar, sexual. No meu caso, se existe uma dívida ou culpa, elas nunca vão acabar. Mais que isso, me parece que desde o início escrevo com o mesmo intuito — o desvelamento do real — e a partir das mesmas pulsões, até conflitos (Ernaux, 2023, p. 132-133).

Assim como em uma análise não podemos antecipar o surgimento de temas e tópicos — pois não se situam no âmbito do dever, mas do desejo —, a escrita autossociobiográfica envolve deparar-se com as questões que tocam o sujeito e, simultaneamente, o situam no laço social, envolvendo mesmo o modo como o discurso religioso restringe o sexual, como abordado em *O acontecimento* (2022) e *La femme gelée* (1981). Nessa via, novamente

convergimos com Freud (2010a), quando situa que as pulsões são circunscritas historicamente, ou seja, ainda que a pulsão de morte sempre tenda ao impulso pelo retorno ao estado inanimado, o modo como isso opera na constituição do circuito de gozo do sujeito depende de sua constituição, que se dá sempre em relação à alteridade. Nessa constituição, o sujeito irá necessariamente passar do campo da necessidade para o circuito pulsional, onde estão em conflito o princípio do prazer e o princípio de realidade. Será o princípio de realidade, formado pela cultura, que dará contornos às modalidades de prazer autorizadas socialmente a serem satisfeitas, enquanto outras permanecerão reprimidas.

Mas por que o ser humano aceitaria a repressão daquilo que poderia ser justamente a sua fonte de felicidade? Segundo Freud (2010d), trata-se de que “tudo aquilo com que nos protegemos da ameaça das fontes do sofrer é parte da civilização” (Freud, 2010d, p. 44). Em outras palavras, se a civilização faz com que recuemos frente a determinados modos de satisfação que seriam inadequados, isso ocorre porque a civilização também regula as fontes de sofrimento. Como no texto *Totem e tabu*, é por meio do pacto civilizatório que se institui a Lei (Freud, 2012). A necessidade da fraternidade advém para a sobrevivência individual e coletiva.

Desse modo, Freud (2010b) entende a cultura como “um processo a serviço de Eros, que pretende juntar indivíduos isolados” (p. 90). Esta seria uma troca para o sujeito: “um tanto de felicidade por um tanto de segurança” (Freud, 2010b, p. 82). Em outras palavras, o sujeito aprende a renunciar aos seus impulsos sexuais e agressivos mais primitivos desde a infância em troca da garantia de que também não será violado ou coagido por meio da força bruta. Freud (2010b), então, resume em duas as funções da civilização: “a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação dos vínculos dos homens entre si” (p. 49).

A repressão das pulsões e dos desejos mais primitivos do sujeito não seria bem-sucedida se viesse somente do meio externo. Desde a infância, o Outro não cumpre somente a função de satisfazer o bebê e prover seus cuidados e suas necessidades; ele também é responsável por conduzir e introduzir o pequeno sujeito em uma sociedade que exigirá dele a repressão das pulsões que possam agredir os outros, assim como de outras pulsões que se revelem inadequadas ao estabelecido socialmente.

A busca de Eros pela coesão social não se mostra simples, mas apresenta uma dimensão nociva ao sujeito. A internalização das repressões dá corpo ao supereu, instância moral que faz retornar ao eu a mesma agressividade que ele gostaria de direcionar em ato aos outros. Essa agressividade internalizada produz a culpa, inicialmente por meio do medo de perder o amor do objeto que pode proteger o sujeito.

Freud (2010d) expõe que “o preço do progresso cultural é a perda da felicidade, pelo acréscimo do sentimento de culpa” (p. 106). Isso ocorreria pela necessidade de repressão dos impulsos mais primitivos e mais almejados para a satisfação total do sujeito, em prol da vida em sociedade. O sujeito, por sua vez, pode deslocar esse afeto reprimido, dando a ele diferentes destinos dentro dos contornos permitidos pela cultura. Todavia, há sempre, como produto, um resto do processo de repressão, que é a cisão do eu. Como assinala Freud (2018): “o êxito foi alcançado à custa de uma fissura no Eu que não se curará jamais, e que aumentará com o tempo. As duas reações opostas ao conflito prosseguem existindo como núcleo de uma cisão do Eu” (Freud, 2018, p. 347). Na obra de Ernaux, acompanhamos a cisão entre o passado, como pertencente à classe dominada, e a posição atual, como pertencente a uma classe dominante, balizando seu projeto literário, que visa recuperar e revalorizar o discurso do passado.

Freud (2010a) ainda indica que “há meios e caminhos para tornar objeto de recordação e elaboração psíquica o que é em si desprazeroso” (p. 175-176). Cattapan (2021), ao estudar a criação e a criatividade na perspectiva psicanalítica, salienta que “o funcionamento do aparelho psíquico depende do conflito” (p. 89) e, a partir disso, destaca que a possibilidade

de criar está no inconsciente, visto que ele contém uma multiplicidade de pulsões recalçadas pelo eu. Para o autor, o eu

é uma mistura heterogênea de histórias de identificações que tenta se organizar, dentro do possível, como unidade coerente. Essa unidade coerente se expressaria também na projeção da imagem do corpo como uma unidade corporal que vem organizar as sensações numa mesma superfície, numa espécie de invólucro: trata-se da criação de um onde há multiplicidades fragmentadas, zonas exógenas desconexas, pulsões perverso-polimórfas (Cattapan, 2021, p. 127).

Todavia, a mistura heterogênea busca unificar-se como suposta unidade para se expressar conforme o princípio de realidade, ainda que sua adequação completa a tal princípio seja impossível. A sublimação, então, aparece como destino pulsional privilegiado no campo das artes, pois são “atividades que destacam a energia pulsional para fins culturais não sexuais acompanhadas de um freio na atividade pulsional perversa direta” (Cattapan, 2021, p. 108). Como delimitado por Freud, a sublimação requer a renúncia à primeira meta das pulsões: “A sublimação do instinto é um traço bastante saliente da evolução cultural, ela torna possível que atividades psíquicas mais elevadas, científicas, artísticas, ideológicas, tenham papel tão significativo na vida civilizada” (Freud, 2010d, p. 60).

Desse modo, o traumático é capaz de articular sua potência destrutiva à possibilidade criativa de subjetivação da experiência, quando ganha, enfim, uma forma singular (Cattapan, 2021). Os impulsos estão reprimidos, mas não imóveis: eles podem ser absorvidos, deslocados e rearranjados pelo sujeito. A arte, nessa perspectiva, torna-se “uma tentativa de elaboração do traumático, permitindo que se extraia prazer do que, em outras circunstâncias, seria angustiante” (Cattapan, 2021, p. 124). No conflito entre pulsões de vida e de morte, surge a possibilidade de criação: “a criatividade acontece no conflito extremo e caótico entre vida e morte, obra e loucura, sem garantias de sucesso, mas é o percurso possível e necessário diante do traumático e de sua ameaça à paralisação ou desintegração do eu” (Cattapan, 2021, p. 125-126).

O artista, desse modo, produz sua criação por não subordinar plenamente suas pulsões ao princípio de realidade, e tampouco por encontrar a plena satisfação na elaboração de fantasias. Na autossociobiografia, é possível visualizar de que modo o escritor age visando expor uma realidade, bem como transformá-la. Em *Autobiografia*, Freud (2011) assinala:

Como o neurótico, o artista precisou retirar-se da insatisfatória realidade para esse mundo de fantasia, mas, diferentemente do neurótico, soube encontrar o caminho de volta e novamente fincar os pés na realidade. Suas criações, as obras de arte, eram satisfações fantasiosas de desejos inconscientes, tal como os sonhos, com as quais também tinham em comum a natureza de compromisso, pois também elas precisam evitar o conflito aberto com as forças da repressão. Mas, à diferença das produções oníricas, associadas e narcísicas, eram destinadas a provocar o interesse de outras pessoas, podiam avivar e satisfazer nessas os mesmos desejos inconscientes (p. 154).

Nessa via, compreendemos que o projeto enunciativo é desejo de transmissão de uma história, de modo que extrapola a fantasia individual do artista; desejo por objetificar e materializar em palavras uma vida, a fim de atribuir sentido não só à perda, mas também à existência do objeto perdido. Em entrevista a Michelle Porte, Ernaux (2014) sinaliza o quanto a morte do pai modifica radicalmente a sua escrita:

Um acontecimento violento, a morte do meu pai, eu diria, transformou meu desejo de escrever. Eu havia chegado a Yvetot com meu filho para passar uma semana com os meus pais quando meu pai sofreu um ataque cardíaco. Ele morreu em três dias. Ainda hoje,

eu vejo esse momento como um terremoto, um ponto de reversão com pensamentos de extrema violência. Eu vi tudo que havia me separado de meu pai e que era irremediável. Eu via certa aculturação, particularmente atingida no meu caso pois meu avô paterno não sabia ler, meu pai foi um menino do interior, depois trabalhador e, por fim, dono de uma mercearia, e eu me tornei professora de Letras. Eu mergulhei no abismo da separação definitiva do meu pai. Depois, não havia como escrever do mesmo modo que eu escrevi nos anos anteriores; se tratava justamente de escrever alguma coisa que não havia nome para mim. Bem mais tarde, a sociologia me ensinou que a minha situação era de *trânsfuga de classe* [...] (p. 62, tradução da autora³).

A possibilidade de nomear a cisão sentida por Ernaux, a ideia de *terremoto*, a *reversão* de todos os pensamentos até então concebidos com *extrema violência*, colocam em cena esse trauma como o que ocorre de *irremediável*, de (a) perda definitiva, *o abismo da separação definitiva*. Tal evento modifica o sujeito e o seu modo de fazer a escrita e de inscrever-se no mundo: escrever o que ainda não tem nome. Ernaux habita a cisão entre o mundo dominante — após se tornar professora de Letras, o mundo da gramática — e o dominado — o mundo dos pais, o mundo da infância, das palavras faladas em dialeto, palavras gritadas. A dimensão traumática da cisão do eu emerge como constitutiva do sujeito. Todavia, o trauma resiste a ser inteiramente simbolizado, visto que a linguagem e a cisão do eu também demarcam uma impossibilidade de enunciar um *todo* de um eu. Ernaux não quer que a escrita sobre a vida e a morte do pai traia a vida regida pela necessidade e, nisso, chega à elaboração da autossociobiografia, já introduzida por Bourdieu (2004) em *Esboço para a autoanálise*. A impossibilidade de enunciar *tudo* conserva a característica do traumático como *impossível* e, ainda, indica a responsabilidade ética de Ernaux pela transmissão dos fragmentos de memória. O *impossível* torna-se tangível somente por meio da escrita: lugar em que é possível se deparar com o que se desconhece, com o insabido, o inconsciente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a autossociobiografia como gênero discursivo singular, que emerge e adquire popularidade na contemporaneidade ao apresentar trajetórias de *trânsfugas de classe*, o presente artigo visou discutir a cisão do eu como constituinte da escrita dessas narrativas. Especificamente, foi discutido um trecho que evoca elementos da cisão a partir da obra *O lugar* (2024), primeira narrativa em que Annie Ernaux realiza seu projeto de escrita autossociobiográfica, ao relatar a vida e a morte de seu pai. O trecho foi correlacionado às noções freudianas de luto, trauma e cisão do eu.

Ao analisar o trecho, não tivemos por objetivo analisar o discurso de Ernaux do mesmo modo que um discurso analítico, uma vez que se trata de uma palavra escrita, publicada e que passou por diversas versões durante 15 anos até adquirir sua forma final, do modo como a lemos hoje. Objetivamos, com a escrita deste texto, ampliar a escrita de Ernaux como expressão da cultura e a passagem da autobiografia para a autossociobiografia como uma possibilidade de elaboração de um trauma individual para a sua inscrição no laço social.

³ No original, “Un événement violent, le décès de mon père, a, je dirais, transformé mon désir d’écrire. J’étais arrivée à Yvetot la veille, avec mon petit garçon, pour passer une semaine avec mes parentes, quand mon père a été frappé d’un infarctus. Il est mort en trois jours. Encore aujourd’hui, je vois ce moment comme un séisme, un retournement. Avec des pensées d’une extrême violence. Je voyais tout ce qui m’avait séparée de mon père et c’était irrémédiable. Je voyais cette acculturation, particulièrement réussie dans mon cas puisque mon grand-père avait été garçon de ferme, ouvrier, cafetier, et que je venais d’être admise prof de lettres. Je plongeais dans le gouffre de la séparation définitive d’avec mon père. Sans possibilité de me racheter. Après, il n’a plus été question d’écrire comme j’avais écrit Quelques années auparavant, mais d’écrire sur quelque chose qui, justement, n’avait pas encore de nom pour moi. Beaucoup plus tard, la sociologie m’apprendra que ma situation est celle des ‘trânsfuges de classe’” (Ernaux, 2014, p. 62).

A partir do trecho trazido, questionamos: o que lemos quando lemos a obra de Ernaux? Entendemos que a dimensão *social* da autossociobiografia inclui a impossibilidade de escapar da dimensão social da linguagem e, nessa via, o desejo de compartilhar a constante busca pela decifração, *por meio da escrita*, de experiências comuns que atravessam diferentes contextos. O efeito de produção de um contorno ao real acaba se transmitindo na fratura entre mundo anterior e mundo posterior à mudança de classe e ao consequente distanciamento dos pais, na própria cisão de Ernaux.

As narrativas autossociobiográficas cumprem uma função de elaboração não apenas subjetiva, mas também representam ambivalências nos atravessamentos entre classes dominantes e dominadas. A autossociobiografia em Ernaux presentifica o discurso da classe dominada, representa e valoriza esse discurso e, simultaneamente, reitera o seu caráter perdido. A cisão evocada por Ernaux retém parte do que não tem sentido e produz um efeito real. Concluir o *terror da escrita* e de sua leitura é, no entanto, finalizar — ainda que parcialmente — uma etapa da angústia e criar um lugar de inscrição para a perda.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. *Esboço para uma auto-análise*. Tradução de Victor Silva. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 11. ed. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 2011.
- CATTAPAN, Pedro. *Psicanálise, criatividade e depressão: um estudo sobre as subjetividades na cultura neoliberal*. Curitiba: Appris, 2021.
- CHARPENTIER, Isabelle. « La littérature est une arme de combat » — Entretien avec Annie Ernaux, écrivaine, par Isabelle Charpentier, sociologue. Mauger Gérard. *Rencontres avec Pierre Bourdieu*, Editions du Croquant, p. 159-175, 2005. Disponível em: <https://hal.science/hal-03689109v1>. Acesso em: 6 out. 2024.
- ERNAUX, Annie. *A escrita como faca e outros textos*. Tradução de Mariana Delfini. São Paulo: Fósforo, 2023.
- ERNAUX, Annie. *La femme gelée*. Paris: Folio, Gallimard, 1981.
- ERNAUX, Annie. *Le vrai lieu: entretiens avec Michelle Porte*. Paris: Folio, Gallimard, 2014.
- ERNAUX, Annie. *Les armoires vides*. Paris: Folio, Gallimard, 1974.
- ERNAUX, Annie. *O acontecimento*. Tradução de Isadora de Araújo Pontes. São Paulo: Fósforo, 2022.
- ERNAUX, Annie. *O lugar*. Tradução de Marília Garcia. São Paulo: Fósforo, 2024.
- ERNAUX, Annie. *Os anos*. Tradução de Marília Garcia. São Paulo: Fósforo, 2021.
- ERNAUX, Annie. *Vers un je transpersonnel*. 2019. Disponível em: <https://www.annie-ernaux.org/fr/textes/vers-un-je-transpersonnel/>. Acesso em: 11 dez. 2024.
- ERNAUX, Annie; BRAS, Pierre. La littérature, c'est la mise en forme d'un désir. *Journal des anthropologues*, v. 1-2, n. 148-149, p. 93-115, 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/jda/6605>. Acesso em: 13 ago. 2024.
- FIGUEIREDO, Eurídice. Escrever o luto. *Revista Estudos Feministas*, v. 29, n. 3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/79375/47851>. Acesso em: 4 maio 2025.
- FREUD, Sigmund. A cisão do Eu no processo de defesa (1938). In: FREUD, Sigmund. *Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 345-350. (Obras completas, v. 19)
- FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). In: FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"); além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. p. 161-239.

FREUD, Sigmund. Autobiografia (1925). In: FREUD, Sigmund. *O eu e o id, autobiografia e outros textos* (1923-1925). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 75-167. (Obras completas, v. 16)

FREUD, Sigmund. Considerações atuais sobre a guerra e a morte (1915). In: FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. p. 209-246.

FREUD, Sigmund. *Estudos sobre a histeria* (1983-1985). Em coautoria com Josef Breuer. Tradução de Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (Obras completas, v. 2)

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia (1915-1917). In: FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c. p. 170-194.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (1930-1936). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010d. p. 13-122.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu (1912-1913). In: FREUD, Sigmund. *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos* (1912-1914). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 13-244. (Obras completas, v. 11)

HAN, Byung-Chul. *Agonia do Eros*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017a.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed. ampliada. Petrópolis: Vozes, 2017b.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade paliativa: a dor hoje*. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2021.

MEIZOZ, Jérôme. Annie Ernaux, une politique de la forme : "C'est plutôt la leur de langue que j'ai perdue". *Versants : revue suisse des littératures romanes*, v. 30, p. 45-62, 1996.

MONTÉMONT, Véronique. La chambre d'échos. Sur Les Années, d'Annie Ernaux. In: KAHN, Robert; MACÉ, Laurence; SIMONET-TENANT, Françoise (Orgs.). *Annie Ernaux. L'intertextualité*. Rouen: Presses Universitaires de Rouen et du Havre, 2015. p. 153-164. Disponível em: <https://autobiosphere.wordpress.com/annie-ernaux-la-chambre-dechos-v-montemont/>. Acesso em: 28 fev. 2025.

PONTES, Isadora de Araújo. Annie Ernaux, uma escritora trânsfuga de classe. *Revista Magma*, v. 25, n. 14, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1769.mag.2018.154405>. Acesso em: 6 ago. 2025.

RITTER, Paulo; FERRAZ, Flávio. *O grão de areia no centro da pérola: sobre as neuroses atuais*. São Paulo: Blucher, 2022.

SOLER, Colette. *De um trauma ao Outro*. Tradução de Cícero Alberto de Andrade Oliveira. São Paulo: Blucher, 2021.

Artigo recebido: 4 de maio de 2025

Artigo aceito: 7 de agosto de 2025